

## IMPrensa E JUVENTUDE NO BRASIL NA DÉCADA DE 1980

<https://dx.doi.org/10.18616/cart04>

Luciana Rossato

O objetivo deste capítulo é analisar quais discursos sobre jovens e juventudes circularam na imprensa brasileira na década de 80. Analisarei, para isso, alguns órgãos da imprensa, mais especificamente a revista *Veja*, o jornal *O Estado* e a revista *Mundo Jovem*. Outros impressos também veicularam notícias que têm relação com as juventudes, mas estes foram escolhidos por abarcarem diferentes tipos de impressos e atingirem diferentes públicos. A revista *Veja* foi, na década de 1980, a publicação semanal de maior tiragem em circulação nacional. O jornal *O Estado*, embora publicado em Florianópolis, tinha circulação estadual. A revista *Mundo Jovem*, de circulação mensal, era publicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e tinha como público a juventude católica. Como impressos tão diversos, tanto em formato quanto em público leitor a que se destinavam, veiculavam notícias que envolviam os jovens e as juventudes? Quais eram os principais temas que difundiam para as juventudes? Que imagens esses impressos ajudaram a construir acerca dos jovens e das juventudes? O recorte temporal definido para esta análise foi o da década de 1980.

### O Brasil na década de 1980

A década de 1980, no Brasil, é marcada por mudanças como o fim da ditadura militar<sup>1</sup>, a recessão econômica, as mudanças tecnológicas e a expansão do mercado consumidor. Esta década começa com a promessa de reabertura após a promulgação da Lei de Anistia<sup>2</sup>, em 1979, e se caracteriza como um período de crise econômica com altas taxas de inflação, mas também é marcada por intensa participação política, com a elaboração de uma nova constituição, promulgada em 1988, seguida das eleições diretas para presidente em 1989.

Durante o governo de Ernesto Geisel<sup>3</sup> se inicia o processo de “descompressão”, caracterizado pelo afrouxamento da censura, o que possibilitou o crescimento

<sup>1</sup> De 1964 a 1985, o país viveu uma ditadura militar, instaurada com um golpe militar, organizado pelos militares com apoio de setores civis, que derrubou o presidente João Goulart. Este período é marcado por autoritarismo, censura e perseguição à oposição. Em 1985, assumiu o governo o vice, José Sarney, em razão de doença que atingiu Tancredo Neves, eleito por votação indireta à presidência do Brasil.

<sup>2</sup> Art. 1º - É concedida anistia a todos quantos, no período compreendido entre 2 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou, conexos com estes, crimes eleitorais, os que tiveram seus direitos políticos suspensos, e aos servidores da Administração Direta e Indireta, de fundações vinculadas ao poder público, aos Servidores dos Poderes Legislativo e Judiciário, aos Militares e aos dirigentes e representantes sindicais, punidos com fundamento em Atos Institucionais e Complementares. Dados disponíveis em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6683.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm). Acesso em: 6 mai. 2021.

<sup>3</sup> Ernesto Geisel (1907-1996) foi o 29º presidente do Brasil e o quarto presidente do período ditatorial militar brasileiro. Seu governo se estendeu por cinco anos, de 15 de março de 1974 a 15 de março de 1979. Era general do Exército Brasileiro. Exerceu o papel de ministro do Superior Tribunal Militar em 1966 e foi o 13º presidente da Petrobras, de 1969 a 1973.

da mídia impressa durante a década de 1980 (constituída, principalmente, por jornais e revistas de diversos cunhos ideológicos). A partir de 1979, inicia-se o governo do general João Batista Figueiredo, que deu prosseguimento às políticas de reabertura de Geisel. O objetivo era que os militares voltassem para os quartéis. A mesma lei que permitiu o retorno dos exilados e a restituição dos direitos políticos garantiu que as ações dos governos militares não fossem investigadas, nem houvesse punição dos crimes contra os direitos humanos cometidos durante as duas décadas de ditadura. Um conjunto de leis permitiu que se organizassem as eleições para os governos dos estados, assim como para deputados e senadores, e com a participação de novos partidos políticos (Fico, 2017).

Em 1980, foram aprovadas eleições diretas para senadores e, para os estados, de governadores. As eleições, porém, somente aconteceriam em 1982<sup>4</sup>, com importante vitória da oposição, tendo elegido nove governadores pelo PMDB e um governador pelo PDT<sup>5</sup>. Na oportunidade, cinco foram os partidos que lançaram candidatos: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), antigo MDB; o Partido Democrático Social (PDS), antiga Arena; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), antigo partido de Getúlio Vargas e João Goulart, e dois novos partidos: o Partido dos Trabalhadores (PT), oriundo das lutas operárias, liderado por Luís Inácio da Silva (Lula), e o Partido Democrático Trabalhista (PDT), criado por Leonel Brizola quando de sua volta do exílio (Schwarcz, Starling, 2015).

Em 25 de abril de 1984 foi votada, no Congresso, a emenda parlamentar Dante de Oliveira<sup>6</sup>, que propunha o retorno das eleições diretas para a Presidência. Segundo Jorge Ferreira, apesar da frustração gerada com a derrota no Congresso por não ter alcançado dois terços dos votos válidos, o movimento teve grande impacto político. Os comícios pelo retorno ao direito de escolher o presidente mobilizaram milhões de pessoas em diferentes estados do País e juntaram políticos de diferentes partidos, bem como intelectuais e artistas. A eleição para a presidência da República, em 1985, ocorreu pelo colégio eleitoral, sendo eleito Tancredo Neves<sup>7</sup> como presidente e José Sarney como vice-presidente. Com a morte de Tancredo Neves, Sarney passou a presidente, o primeiro civil após 21 anos de ditadura militar. Economicamente, os anos 1980 foram um período de crise econômica, inflação, de vários planos econômicos e inúmeras trocas de moeda. Em meados da década de 1980, as contas públicas estavam deterioradas; os salários, defasados e os preços, descontrolados. O País vivia uma forte recessão, com altos índices de desemprego, inflação ascendente (de mais de 200% ao ano) e endividamento externo alto, ao ponto de o governo ser obrigado a decretar moratória junto aos credores. Neste contexto, milhões de brasileiros passavam

<sup>4</sup> Dados disponíveis em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores>. Acesso em: 6 mai. 2021.

<sup>5</sup> Dados disponíveis em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/visitan-tes/panorama-das-decadas/copy\\_of\\_decada-de-80](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrivendohistoria/visitan-tes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-80). Acesso em: 6 mai. 2021.

<sup>6</sup> A Emenda Dante de Oliveira tinha em vista alterar os artigos 74 e 148 da Constituição Federal de 1967, criada durante a ditadura militar. Desta forma, as eleições para presidente seriam diretas.

<sup>7</sup> Tancredo Neves foi eleito em 15 de janeiro de 1985. No dia anterior ao da posse, foi internado com problemas de saúde, o que levou José Sarney a ser empossado presidente em 15 de março de 1985. Após sete cirurgias, Tancredo Neves, no dia 21 de abril de 1985, veio a falecer.

fome ou estavam subnutridos (Ferreira, 2018). Esta crise se deveu a vários fatores, entre os quais o segundo choque do petróleo, ocorrido em 1979, que resultou em aumento do preço dos combustíveis, em aumento das taxas de juros nos EUA e em queda nas trocas comerciais mundiais, o que afetou vários países. Nos primeiros anos da década, houve retração da economia, com queda de 25% na renda *per capita*, aumento da porcentagem da população com renda inferior à linha de pobreza e crescimento da dívida externa. Tudo isto provocaria forte crise de emprego, o que afetaria a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Os filhos da classe média e das famílias abastadas puderam usufruir de uma extensão em seu período de formação educacional. Já para os jovens das classes populares, a dificuldade de empregos regulamentados e a baixa escolaridade os levariam a ocupar postos de trabalho precários e a uma maior dependência das famílias, o que atrasaria sua independência financeira.

O fim da censura à imprensa, o surgimento e o crescimento dos movimentos sociais, a ampliação do acesso à educação foram outras mudanças marcantes do período. Os anos 1980 foram definidos, posteriormente, como “década perdida”. Isto se deveu principalmente à estagnação econômica que atingiu, além do Brasil, vários países da América Latina, provocou a bipolarização ideológica em decorrência da Guerra Fria e os retrocessos sociais dos governos conservadores nos EUA e na Inglaterra (Ronald Reagan e Margareth Thatcher, respectivamente). No entanto, no campo cultural, nesta década, o mercado de música, cinema e outros bens de consumo se expandiu. No Brasil, várias bandas de *rock* surgiram e fizeram sucesso, inspirando-se nos dilemas da juventude e nos problemas do País. Em 1985, escolhido como o Ano da Juventude, aconteceu o *Rock in Rio*<sup>8</sup>, o maior evento voltado aos jovens (que pudessem pagar) da década.

Segundo o relatório “População jovem no Brasil: a dimensão demográfica” (produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, em 1999), a população entre 15 e 24 anos de idade apresentou - no arco de tempo de 1940 a 1996 - uma tendência de crescimento, com um processo de desaceleração a partir da década de 1970. No ano de 1940, a população jovem era de 8,2 milhões. Em 1970, este grupo somava 18,5 milhões. Já entre 1991 e 1996, os censos populacionais enumeraram, respectivamente, 28,6 milhões e 31,1 milhões de pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos de idade<sup>9</sup>. Segundo este mesmo estudo, a população brasileira variava, nesta faixa etária, entre 19% e 21% entre os anos de 1940 e 1996. Em 2000, eram 34,1 milhões de indivíduos entre 15 e 24 anos, ou seja, representavam 20,1% da população brasileira. Este percentual aumenta com a publicação da Lei 12.852, de 3 de agosto de 2013, que vai ampliar a idade dos que são considerados jovens, que passará a compreender todos os indivíduos de 15 a 29 anos.

<sup>8</sup> Do dia 11 a 20 de janeiro de 1985, a cidade do Rio de Janeiro atraiu em torno de 1,3 milhão de pessoas de várias partes do País, a grande maioria deles jovens, para ouvir 29 bandas de música e artistas nacionais e internacionais. Este evento também recebeu ampla divulgação através das mídias, tendo sido, inclusive, transmitido pela Rede Globo de Televisão.

<sup>9</sup> Mais dados sobre a população jovem no Brasil estão disponíveis neste endereço eletrônico: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/comentario1.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf). p. 2. Acesso em: 20 mar. 2015.

Em relação à imprensa, muitas mudanças também vão ocorrer; entre elas, o fim da censura, além da expansão dos meios de comunicação e a modernização do parque gráfico, processo que já vinha ocorrendo desde a década de 1970. Em 1979, o novo decreto de regulamentação da profissão iria propiciar uma mudança geracional nas redações. Segundo Maria Celeste Mira (1997), o mercado editorial brasileiro de revistas cresceu e se compartimentalizou no decorrer dos anos 80 e 90. Foram lançadas revistas para a mulher, seja para a dona de casa, seja para a que trabalhava fora; para a mulher jovem, assim como para a simpatizante de trabalhos manuais. Igualmente, no caso do homem, para o que gostasse de carros, de cinema, de música ou de HQs. Esta compartimentação também afetaria os jornais, que passariam a trazer cadernos voltados a diferentes públicos.

Para o público jovem, as revistas mais conhecidas foram a revista *POP*<sup>10</sup> (1972-1979) e a revista *Capricho*<sup>11</sup>. Em 1991, foi criada a *FolhaTeen*, pela *Folha de S. Paulo*. Outros jornais também criarão suplementos específicos para os jovens. Essa compartimentação também ocorreu em outros meios de comunicação, como as rádios (com a criação de canais específicos por gênero musical) e a TV, principalmente após o surgimento dos canais pagos, nos anos 1990. A partir de meados da década de 1980, vai se expandir no Brasil um mercado voltado aos jovens, movimento que ocorre junto com o crescimento do mercado consumidor interno e que se consolida nos anos 1990.

### Os jovens e as juventudes na imprensa brasileira na década de 1980

Como a imprensa brasileira descrevia, na década de 1980, os jovens e as juventudes? Que temas se relacionavam com essas juventudes?

A partir da década de 1980, ocorreram “mudanças estruturais na distribuição etária da população em todo o mundo, resultante do crescimento excepcional do grupo jovem” (Aquino, 2009, p. 26), o que acarretou um efeito positivo devido ao aumento da população ativa. O ano de 1985 foi declarado Ano Internacional da Juventude, pelo fato de este grupo etário, nas décadas finais do século XX, ter crescido em importância e haver se tornado “ator estratégico do desenvolvimento”, passando, daí, a protagonista. A partir disso, deixaram de ser vistos como problema ou como fase preparatória. Passaram a ser entendidos de forma mais plural, não mais como um grupo homogêneo, mas como indivíduos ou grupos bastante distintos, apesar de se situarem na mesma faixa etária, de pertencerem a diferentes classes sociais, com diferenças de acesso a bens e cultura e pertencendo a diferentes gêneros e/ou etnias, entre outros fatores

<sup>10</sup> No editorial do primeiro número consta: “Este é o primeiro número da primeira revista da nossa idade. Feita especialmente para você, jovem de 15 a 20 e poucos anos de idade. Com coisas do seu interesse, que, além de informar e divertir, também sejam úteis. Indicações para você comprar as últimas novidades em discos, livros, aparelhos de som e fotografia, máquinas e motocas, roupas incrementadíssimas. Orientação na escolha de uma profissão, reportagens sobre assuntos da atualidade. E muita música, claro. Veja a revista. Depois, escreva para a gente. Nós queremos saber o que você achou” (Pop, n. 1, p. 4).

<sup>11</sup> Lançada em 1952 pela Editora Abril, começou publicando telenovelas; posteriormente, no decorrer dos anos 60 e 70, ampliou para temas como moda e comportamento. Em 1985, passou por nova mudança editorial, adotando o slogan “A revista da gatinha”. Passou a publicar temas voltados para o público jovem do sexo feminino.

de distinção. Estudiosos passaram a usar o termo *juventudes* para salientar estas diferenças. Além disso, inúmeros fatores de distinção iriam marcar estes indivíduos, como o acesso aos bens culturais e as distintas vivências que os marcariam e que propiciariam a formação de distintas culturas juvenis (Abramo, 2007; Peralva, 2007).

A grande imprensa veiculava notícias ou imagens dos jovens em diferentes partes dos jornais ou das revistas, além dos cadernos específicos para os chamados “teens”, tendo como foco atender jovens entre 13 e 17 anos. Assim, em um jornal de circulação diária, temas sobre jovens ou a eles voltados podiam ser encontrados na parte de educação (como estudantes), na parte policial (como menores), ou com outras denominações, até mesmo pejorativas, a depender da linha do jornal e da época. O mais comum mesmo era o caderno comportamento, no qual se divulgavam tendências de comportamento ou, então, acontecimentos voltados a essa faixa etária.

Um exemplo foi o *Rock in Rio*, no ano de 1985. Este evento foi assunto nos jornais impressos, na televisão e nas rádios durante os dias em que ocorreu o festival. A TV Globo, inclusive, transmitiu vários *shows* ao vivo. O jornal *O Estado* publicou, no dia 11 de janeiro de 1985, o artigo intitulado “Ônibus de todas as partes chegam ao Rio, trazendo jovens dispostos a viver a aventura de um festival - esperançosos de viverem as mesmas loucuras dos jovens que nos anos 60 reuniram-se em *Woodstock*, *Wight* e outros festivais” (*O Estado*, 1985a, p. 22). Após o *Rock in Rio*, temas relacionados a jovens e música tiveram destaque em seis matérias, nas quais o festival e suas influências continuaram a ser veiculados. Uma delas dizia ser “[...] impossível atravessar o calçadão da Felipe Schmidt e adjacências sem ter os tímpanos afetados pelas rajadas dos metaleiros e demais atrações internacionais que estiveram tocando na Cidade do Rock” (*O Estado*, 1985d, p. 21).

Na análise realizada neste jornal, constatou-se, durante um ano, que os jovens se tornaram notícia em momentos muito específicos: no carnaval, no início do ano letivo, no período do vestibular e nas férias, épocas em que é costume veicular artigos que tratam de assuntos referentes à praia, ao surf e às baladas. Nos meses de temporada (entre novembro de 1984 e março de 1985), o jornal *O Estado* publicou 14 reportagens só sobre *surf*. Esses textos tinham como objetivo divulgar as atividades que aconteciam nas cidades litorâneas do estado, que se ligavam estreitamente a uma política de incentivo ao desenvolvimento do turismo, principalmente para o de sol e mar, e que atraía os jovens. Isto pode ser constatado em algumas reportagens, como a intitulada “Verão jovem com som, festa e esporte” (*O Estado*, 1985g, p. 13), em que se salientavam a animação e as inúmeras atividades que aconteciam nas cidades litorâneas, com o que se pretendia atrair o público interessado em se divertir durante as férias escolares. Nesta época, as praias Mole e Galheta ficaram conhecidas como “*points* de pessoal de bom astral”, repletas de “jovens que não são caretas” (*O Estado*, 1985c, p. 11).

A juventude, como categoria social, se desenvolve no pós-guerra nos EUA e muda a forma como este período da vida passa a ser percebido tanto pelos adultos quanto pelos próprios jovens. A partir da década de 1950, a

juventude passa a ser vista como um período difícil, de questionamento e contestação, percepção bastante veiculada pelo cinema, como, por exemplo, no filme *Juventude Transviada*, de 1955. Constrói-se, assim, uma representação do que seja ser rebelde, ou passar por uma fase de rebeldia, algo vista como inerente aos jovens. A rebeldia deixa de ser demonizada ou restrita às “classes perigosas”, e passa a ser vista como “normal”, ou como fonte, em certo sentido, de inovação e revigoração social, desde que devidamente controlada através da recondução, após um tempo, destes “rebeldes” aos padrões de normalidade socialmente estabelecidos (Levi, Schmitt, 1996; Savage, 2009).

Em grandes aglomerações de jovens é comum o uso de drogas lícitas e ilícitas. No *Rock in Rio* não foi diferente. Um dos responsáveis pela segurança do evento relata ter havido um “relaxamento em relação aos cigarros de maconha apreendidos”. O procedimento, segundo o mesmo segurança, era o seguinte: “Nesses casos, apenas apreendemos a substância e deixamos a pessoa assistir ao *show*, pois, se fôssemos prender todo mundo, o pessoal da segurança das roletas não faria outra coisa” (O Estado, 1985b, p. 25).

A vinculação entre juventude e drogas é encontrada em outra parte do jornal. A matéria da seção policial intitulada “Aumenta no mundo o consumo de ópio, cocaína e maconha” (O Estado, 1985e, p. 6) traz aspectos sobre as campanhas contra o tráfico e expõe o crescimento da quantidade de jovens viciados. Na página seguinte, na coluna *Cidade*, em uma reportagem sobre o evento *Pro de Surf*, que estava sendo realizado na Praia da Joaquina, ‘*point* dos jovens’, um dos participantes pede: “Não *malha* muito a gente não. O pessoal anda meio ressabiado de “fumar” na praia porque pode pintar sujeira. Eu é que sou meio *bandeiroso*. E não bota o meu nome no jornal, que o meu pai é *careta*.” (O Estado, 1985f, p. 7).

O jornal *O Estado* circulou no decorrer de todo o século XX no estado de Santa Catarina, fechando as portas em 2006, após mais de 90 anos de circulação. Era distribuído de forma diária pela cidade e fazia um apanhado geral das notícias, principalmente da Grande Florianópolis, atuando em diversas áreas, como esporte, economia, lazer e cultura. A informação era transmitida no formato de matérias, crônicas e reportagens, contendo entrevistas, opiniões e imagens.

Outra fonte analisada foi a revista semanal *Veja*, a principal publicação da Editora Abril nos anos 1980<sup>12</sup>. Criada em 1968, vai estabelecer um novo padrão para as revistas, ao privilegiar o texto escrito ao invés das imagens, rompendo, assim, com o padrão estabelecido pelas revistas ilustradas, como a *Cruzeiro* e a *Manchete*. A *Veja* tinha como principal objetivo informar seu leitor das principais notícias do mundo - política, esporte, cultura, economia -, num período curto, situando-o na lógica global, obedecendo à filosofia de que era preciso economizar tempo e manter-se informado. A revista tomara por inspiração o formato do jornal *The Times*. Para adaptar-se ao gosto do público consumidor, a Abril focou em

<sup>12</sup> Victor Civita, fundador da Abril, nasceu em Nova York em 1907 e mudou-se para o Brasil em 1949. Em 1950, instala-se em São Paulo onde começa suas atividades. O crescimento do mercado no ramo de comunicações estava se estabelecendo no mesmo período em que a editora Abril surgia. O nome da Editora Abril foi se firmando ao longo dos anos 60, e foi responsável pelo lançamento de revistas como Quatro Rodas (voltada para o público masculino), Realidade (de informação), Claudia (voltado para o público feminino), entre inúmeras outras revistas.

um jornalismo informativo e departamentalizado, desenvolvendo cada parte da revista para um público específico. Com isso, visava atender à família brasileira de classe média e atingir distintos leitores com matérias de diferentes temáticas. Especializou-se, para isso, na capacidade de condensar as notícias da semana<sup>13</sup>. Mais, investiu em estratégias de *marketing* para que principalmente a classe média aderisse à compra através de assinatura (Mira, 1997). O Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>14</sup> dispõe de dados sobre a circulação da revista *Veja* na década de 1980, segundo os quais duplicou sua circulação no decorrer do período. No primeiro trimestre de 1980, pôs em circulação um total de 327.133 exemplares. No 4º trimestre de 1989, esse número subiu para 765.715 exemplares.

Na *Veja*, as reportagens em que os jovens são tema ou a eles voltadas geralmente se encontram nas colunas de comportamento ou cultura. Um exemplo é a reportagem “Templos da dança”, publicada em 4.7.1984, que descreve a explosão das danceterias em grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro. Além de dedicar temas relacionados às culturas juvenis, também dedicou páginas para falar sobre saúde e educação, como ocorreu na reportagem “Vício da Juventude” (Revista *Veja*, 1986, p. 64-65), que apresenta os resultados da pesquisa realizada no Rio Grande do Sul sobre a juventude e o fumo. Segundo a revista, “a juventude é simples como o *rock* - resultado de poucos acordes que, agrupados, aceleram o carrossel das mudanças de comportamento de toda uma geração. Também como o *rock*, muitas vezes a juventude é barulhenta demais e incompreendida pelos adultos” (Revista *Veja*, 1989, p. 88).

Em 1987, a revista veiculou uma propaganda de duas páginas da Hering, malharia fundada no final do século XIX por imigrantes alemães na cidade de Blumenau (SC). Na fotografia, aparecem em torno de 20 jovens pertencentes a diferentes culturas juvenis<sup>15</sup>. A diversidade de interesses do grupo é destacada pelas roupas, pelo cabelo e pela maquiagem. O ponto em comum, além da idade aproximada, é o uso da camiseta, que remete a uma identidade jovem, mas não à homogeneidade, uma vez que as camisetas trazem textos e mensagens distintas, como o slogan Diretas Já e o símbolo do Anarquismo. O texto, que acompanha a imagem, destaca:

Não existe símbolo mais forte de juventude do que uma camiseta. A Hering entende disso. Fabrica camisetas há 117 anos. É uma das maiores fabricantes de camisetas do mundo. Por isto, toda a vez que alguém conta a história da juventude,

<sup>13</sup> A cada edição, o número de páginas variava de 90 a 120, e era dividida por seções, com temas diversos: Economia, Saúde, Política, Cultura, História, Educação, entre outros. Todas estas seções eram voltadas a um público específico. Política e economia, ao pai de família, ao empresário, ao homem de negócios. Já a parte de saúde e educação era, e ainda continua, voltada preferencialmente a um público feminino. Cultura, esportes e história, aos mais jovens, indistintamente.

<sup>14</sup> Estes dados são disponibilizados pelo Instituto Verificador de Comunicação, após contato por mensagem eletrônica. <https://ivcbrasil.org.br/>.

<sup>15</sup> Segundo José Machado Pais, “se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados” (Pais, 1990, p. 140).

está contando a história da Hering. E vice-versa. Vanguarda, inconformismo, paixão, idealismo, patriotismo fazem parte do dia-a-dia dos dois. Deles e da Hering. Venha para o lado dos sempre-jovens. Vista uma camiseta da Hering. É aqui que as coisas acontecem (Revista Veja, 1987, p. 66-67).

Figuras 1 e 2 - Juventude e seus ídolos



Fonte: Revista Veja (1987, p. 66-67).

Nesta publicidade, dois objetos compõem a cena: uma moto e um aparelho de som portátil. O objetivo da Hering era passar a imagem de que, apesar de ser uma empresa centenária, era versátil e se ajustava às mudanças do tempo, do mesmo modo que seu principal produto, a camiseta de malha. Com isso, contribuiu para reforçar a ideia de que a juventude, o ser jovem, significava ser detentor de algumas características, tais como paixão, idealismo, inconformismo. Destaca-se o uso da noção de patriotismo pela marca, o que não é encontrado em outras peças publicitárias analisadas, nem em reportagens veiculadas, tanto nestas revistas, quanto em outros órgãos de imprensa neste período<sup>16</sup>.

A imagem de rebeldia da juventude passada pela foto vai se difundir também devido aos movimentos juvenis que aconteceram nas décadas de 1960 e 1970. Destacam-se os mais conhecidos, como o Maio de 1968, na França, e o movimento *hippie* e de contestação; já nos EUA, a Guerra do Vietnã. Eram movimentos de contestação que questionavam as organizações políticas, sociais, culturais e a moralidade das sociedades nas quais se inseriam estes movimentos. Eric Hobsbawm (2002, p. 317) destaca que a década de 1960 foi marcada por mudanças nas relações familiares e pelo “aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte”. No Brasil, que passava por uma

<sup>16</sup> Esta discussão foi aprofundada em: Rossato, 2019.

ditadura, como vários outros países da América Latina, esses movimentos eram noticiados pela imprensa de modo bem discreto. Mesmo assim, uma parcela dos jovens brasileiros se envolveu na luta contra a ditadura militar e questionaram os movimentos culturais e morais preponderantes. Para Helena Abramo (2007, p. 82), os jovens aparecem mais “como fonte de energia utópica do que propriamente como pessoas capazes de levar a cabo efetivamente tal transformação”. Saliente-se que a imagem positiva dos jovens dos anos 60 e 70, vistos como idealistas, rebeldes, inovadores, utópicos, vai ser construída posteriormente, já na década de 1980, quando da reabertura política.

A revista *Veja*, como outras revistas semanais, é um impresso voltado ao público em geral, razão por que muitas das reportagens e dos temas que envolvem essa faixa da população se destacam, na maioria das vezes, por um tom de aconselhamento, como se a reportagem estivesse sendo veiculada para os pais lerem e conhecerem os filhos, mais do que propriamente voltada aos jovens. Apesar de passar uma aparente preocupação de cuidado com orientações sobre temas como estudos, consumo de drogas (lícitas ou ilícitas), doenças (os anos 80 e 90 são marcados pela Aids), sexualidade, gravidez e escolhas profissionais, o que mais se identifica na maioria das reportagens, e como constante, é a concepção da juventude como um problema, fonte de preocupação para os pais. Isto também pode ser identificado ao se constatar que os entrevistados são normalmente médicos, psicólogos, professores e até religiosos, ou seja, adultos em áreas entendidas como de cuidado, e não propriamente os jovens.

O impresso *Mundo Jovem* começou a circular no ano de 1963, com o nome *SOS Vocações* e era produzido pelo Seminário de Viamão. Em 1964, o nome foi substituído por *Lançai as redes*, mas continuou com o objetivo de atrair jovens para integrar a Igreja Católica. Nesta época, circulava principalmente entre professores católicos do Sul do País. Em meados de 1967, adotou o nome *Mundo Jovem* e circulou de forma impressa até 2017. A partir de 1971, passou a ser impresso em *offset* e a utilizar mais cores. Durante dez meses, a publicação contou com uma edição por mês, em formato de revista e tamanho A4. A partir de 1972, passou para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a responsabilidade do Curso de Teologia.

O *Mundo Jovem* carregava em seu nome o público para o qual se destinava, ou seja, os jovens. Pelo histórico do jornal e pela vinculação de seus responsáveis, o foco era a juventude religiosa, que seguia os ensinamentos da Igreja Católica. Este viés aparece de maneira explícita tanto no título quanto nos editoriais e nos textos. Os temas escolhidos a serem veiculados pelo jornal em diferentes seções se destinavam a um público jovem e cristão, tratando frequentemente de sexo, drogas e lazer. O impresso também era utilizado por grupos de jovens e por professores da disciplina Ensino Religioso, que então se ministrava nas escolas públicas, com foco nos ensinamentos do catolicismo. Ao pesquisar o acervo da publicação dentro do recorte temporal da década de 1980, foram encontradas aproximadamente 100 menções explícitas à juventude (Santos, 2012).

As seções enfocavam temas variados, como: medicina popular; Igreja e mundo moderno; filosofia; juventude rural; vocações; campanhas da fraternidade; credos; literatura; Jesus que se revela aos homens; leitura crítica; recados dos

leitores; história da Igreja; liturgia; como redigir; direito; política; partidos políticos; mulher; relendo a história; Mundo Jovem comenta; psicologia; crônicas; problemas brasileiros. Observa-se que a visão religioso-cristã e católica permeava este impresso que tinha como público os jovens católicos, sua vida e seus interesses.

Este impresso pode ser relacionado a inúmeras experiências vinculadas à Igreja Católica e tinha por objetivo divulgar seus valores entre os jovens, suas organizações e entidades, como a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a Juventude Operária Católica (JOC), as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), entre outras. Antes mesmo do Golpe Militar, setores da Igreja Católica no Brasil voltaram sua atuação aos pobres e se vincularam com o que Michael Löwy (2007) denomina de cristianismo de libertação. Entre essas formas de atuação, destacam-se, nos anos 1970 e 1980, as CEBs – comunidades eclesiais de base - em comunidades pobres, tanto no campo quanto na cidade (periferia).

Nos anos 1980, o *Mundo Jovem* convocava a juventude a participar ativamente dos debates e a se envolver com as questões nacionais. Em abril de 1980, a *Mundo Jovem* publicava, na sessão Carta do Leitor, um texto que definia o que entendia por jovem:

Ser jovem é uma capacidade de espírito. É ter no coração o desejo ardente de servir, lutar, vencer. É ter coragem de dizer 'sim' quando a vida diz 'não'. É sentir na alma a alegria de viver a vida dada pelo Criador. Ser jovem é saber transpor as barreiras que a sociedade, os preconceitos, as pessoas impõem. É saber lutar por um mundo novo, mais humano, mais digno (Mundo Jovem, 1980, p. 5).

Constata-se que, mesmo dando destaque a temas como casamento, religião, família, etc., o que condiz com um impresso vinculado à Igreja Católica, o *Mundo Jovem*, na década de 1980, se caracterizava por discutir temas sociais e políticos. Entre esses, destacam-se os que foram matéria de capa: “América Latina, genocídio e saque” (Mundo Jovem, 1986, capa); “As eleições garantem a democracia ou ainda o privilégio dos grandes?” (Mundo Jovem, 1988, capa); “Esta terra é nossa: fome de tantos, riqueza de poucos” (Mundo Jovem, 1985b, capa); “o país somos nós: a terra, o trabalho para os brasileiros (Mundo Jovem, 1985a, capa); “Preço da paz: terra e comida para todos” (Mundo Jovem, 1981, capa). Constata-se que a publicação fazia críticas à pobreza, ao desemprego, a aspectos da economia, bem como veiculava debates sobre o pertencimento da terra, o genocídio de indígenas, exprimindo, assim, preocupação com alguns dos vários problemas nacionais.

Em 1985, o artigo “Os jovens: primeiros cidadãos da nova sociedade” orientava como eles podiam contribuir para a sociedade, a partir de um questionamento: “E o que é que os jovens podem fazer para mudar essa situação? Em primeiro lugar, é preciso dizer que os jovens têm força e meios para mexer nessa situação. Crer que a mudança é possível é fundamental” (Mundo Jovem, 1985c, p. 15). Para esse impresso, os jovens eram considerados agentes de

mudança social, cidadãos que podiam e deviam fazer a diferença. Em outra reportagem, destacava-se que a juventude havia sido calada pela ditadura após 1968 ao dizer que “o silêncio imposto tentou extinguir a força da juventude organizada e consciente” (Mundo Jovem, 1984, p. 16). Nesta mesma nota, a publicação se dirige ao jovem quando diz: “Você, como estudante cristão, faz parte desta longa e, tantas vezes, sofrida caminhada. Você pode ajudar nessa luta pela transformação da escola e da sociedade” (Mundo Jovem, 1984, p. 16). A partir de 1979, a juventude volta a se organizar em pequenos grupos de estudantes em diversas partes do País. Em julho de 1982, acontece a primeira reunião nacional da Pastoral da Juventude Estudantil.

O *Mundo Jovem* faz um esforço, em seus textos, de educar os jovens ao historiar sua participação nas lutas sociais, destacando que, durante a ditadura militar, não haviam podido manter seus encontros e sua organização. Agora, o jovem podia fazer parte dessas mudanças também como agente transformador. A juventude, agora entendida como o novo, como o detentor da mudança, estava presente e era constante neste impresso. Este é um aspecto que o diferencia dos outros impressos analisados, que normalmente apresentavam o jovem na dicotomia entre pessoa em formação e problema, ou então como um símbolo, um produto. Segundo Nathalia Hermann (2019), que analisa as revistas *Veja* e *IstoÉ* nas décadas de 1980 e 1990, a representação difundida sobre os jovens neste período era a de que eles eram conservadores, consumistas e individualistas, principalmente se comparados com a imagem idealizada dos jovens dos anos 1960 e 1970, vistos como combativos e transgressores.

Conceitos e categorias são construções históricas. A definição de juventude e do ser jovem também tem história e é estabelecida a partir de diferentes aspectos, como o etário, as mudanças físico-biológicas ou as mudanças comportamentais. O critério de definição de juventude a partir da idade foi alvo de inúmeras críticas, o que levou à formulação de outros aspectos que precisam ser considerados, como a questão da inserção ou não no mercado de trabalho, ou, então, a análise dos ritos de passagem para a idade adulta em diferentes épocas e em diferentes grupos culturais. Atravessando estas discussões, os jovens aparecem como problema ou como agentes de transformação. Muito embora esta fase da vida seja estabelecida por critérios cronológicos e biológicos, ela precisa ser analisada como uma construção discursiva, uma construção social e cultural, que define o que é ser jovem em relação ao que é ser criança e ser adulto, aspectos que variam conforme os diferentes contextos históricos e culturais. Para Pierre Bourdieu (1983), “[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”. Desta forma, é necessário pensar o conceito de juventude a partir da relação com o outro; neste caso, com o velho. A definição de jovem ou de velho varia conforme a sociedade e as características de cada época. Para Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996), a juventude também é um produto. Além de ser um estado, uma condição social ou uma etapa da vida, adquire um valor simbólico que se associa a uma estética dominante e é acionada pela sociedade do consumo. “Mantenha-se jovem” é a palavra de ordem. Para analisar a juventude, devem-se considerar três aspectos: idade, período de moratória (social e vital) e produto simbólico. Além disso, em cada um destes aspectos, devem ser consideradas as diferenças decorrentes de outras dimensões, como materiais, históricas, políticas, geracionais, de gênero e étnicas.

### Algumas considerações

Os jovens, na maioria das reportagens, são vistos como estudantes do que seria hoje o ensino médio, ou então, como universitários, desconsiderando a grande quantidade de jovens que, na época, não atingiam estes níveis escolares devido à falta de vagas (problema ainda hoje não resolvido, uma vez que o ensino médio ainda não é universalizado no País). Também eram vistos majoritariamente como consumidores de diferentes produtos culturais, já que muitos dos cadernos/reportagens/textos tratavam de música, cinema e moda, desconsiderando também que a grande maioria dos jovens brasileiros não tinha possibilidade de adquirir, na década de 80, discos, ou mesmo de frequentar o cinema, divertimento que se tornou cada vez mais elitizado com o fechamento dos cinemas de rua e seu deslocamento para os shoppings (Featherstone, 1995).

Outro aspecto que se constata nesses impressos é a divulgação da noção de juventude como metáfora, como estilo de vida. Bastante comuns nestas revistas são as peças publicitárias nas quais se vincula a imagem de juventude e de um ser jovem a produtos como camiseta, *jeans*, cigarros e até a seguro de vida.

Entre os impressos aqui analisados, merece destaque o *Mundo Jovem*, por ser bastante diferente dos demais impressos, talvez pelo fato de não ser uma revista com objetivos comerciais ou de ser um impresso vinculado a uma universidade. Pelos temas veiculados no decorrer da década de 1980, tais como fome, desigualdade social, reforma agrária, Constituinte... constata-se sua vinculação com uma ala mais à esquerda da Igreja Católica. Diferente da maioria dos impressos aqui analisados, o jovem que aparece nessa publicação não é visto como problema ou como facilmente manipulável. Isto se deve, provavelmente, ao fato do público leitor ser o próprio jovem e não os adultos da família. No *Mundo Jovem*, há diferentes discussões, muitas sobre temas religiosos, embora não exclusivamente. O objetivo deste impresso, no decorrer da década de 1980 (nas décadas de 1970 e 1990 a revista tinha outras pautas), era a formação de um jovem que refletisse sobre questões sociais e políticas, posto que pretendia estimular a juventude a atuar no sentido da construção de um mundo mais justo. Outro aspecto que chama a atenção é a presença dos jovens do campo e dos jovens pobres, o que é pouco presente na revista *Veja* e no jornal *O Estado*.

Concluindo, o que quis trazer para a discussão foi a amplitude dos discursos sobre os jovens em diferentes impressos que circularam nos anos 80. Da mesma forma como não se pode falar em juventude no singular, não é possível falar de uma única representação das juventudes veiculadas na imprensa no arco de tempo considerado. As representações sobre as juventudes são distintas, a depender do contexto, do tema, do impresso ou até mesmo das partes de um mesmo impresso. O que se constata é uma multiplicidade de juventudes com acesso às mídias (como produtor e/ou consumidor) de forma bastante desigual, da mesma forma como é desigual o acesso à educação, à autonomia financeira e à cultura. Infelizmente, a crise que atingiu (atinge) o Brasil e outros países nos últimos anos tem sido devastadora para os jovens, principalmente para os pobres, que são o grupo etário mais vulnerável e que tem dificuldade de acessar educação e trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *In*: FAVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: Unesco, 2007. p. 73-90.
- AQUINO, L. Introdução: A juventude como foco das políticas públicas. *In*: CASTRO, J. A.; AQUINO, L.; ANDRADE, C. C. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p. 25-39.
- AREND, S. M. F.; MOURA, E. B. B.; SOSENSKI, S. (Org.). **Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas**. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2018.
- BOURDIEU, P. A “Juventude” é apenas uma palavra. *In*: BORDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- BRASIL. Registro das Sessões. **Câmara dos Deputados**, Brasília, 1980. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy\\_of\\_decada-de-80](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/copy_of_decada-de-80). Acesso em: 6 maio 2021.
- BRASIL. Eleições Anteriores. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 6 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antteriores>. Acesso em: 6 maio 2021.
- COSSE, I. (Org.). **Familias e infancias en la historia contemporánea**. Jerarquías de clase, género y edad en Argentina. Villa María: Edivim, 2021.
- COSSE, I. *et al.* **Infancias: políticas y saberes en Argentina y Brasil: siglos XIX y XX**. Buenos Aires: Teseo, 2011. FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERREIRA, J. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. *In*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. de A. N. (Org.). **O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016: quinta República (1985-2016)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 27-71.
- FICO, C. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Tempo e Argumento**, [s.l.], v. 9, n. 20, p. 05-74, 2017.
- HERMANN, N. J. **Fiéis, ambiciosos e conservadores: Jovens brasileiros nas revistas Veja e IstoÉ (1980-1999)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.
- HOBSBAWN, E. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LEVI, G.; SCHMITT, J. C. (Org.). **História dos Jovens 1: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LÖWY, M. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo de libertação. *In*: FERREIRA, J.; REIS, D. A. (Org.). **Revolução e democracia (1964-...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 303-320.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. *In*: MARGULIS, M. (Org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 19-32.
- MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas: o caso da editora Abril**. 1997. 359 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1997.

- MUNDO JOVEM. Porto Alegre, out. 1980. p. 5.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, jul.1981. Capa.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, jun.1983. Capa.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, out. 1984. p. 16.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, maio. 1985a. Capa.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, jul. 1985b. Capa.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, out. 1985c. p. 15.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, mar.1986. Capa.  
MUNDO JOVEM. Porto Alegre, nov. 1988. Capa.  
O ESTADO. Florianópolis, 11 jan.1985a. p. 22.  
O ESTADO. Florianópolis, 13 jan.1985b. p. 25.  
O ESTADO. Florianópolis, 23 jan.1985c. p. 11.  
O ESTADO. Florianópolis, 25 jan.1985d. p. 21.  
O ESTADO. Florianópolis, 4 fev.1985e. p. 6.  
O ESTADO. Florianópolis, 4 fev.1985f. p. 7.  
O ESTADO. Florianópolis, 9 fev.1985g. p. 13.  
PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude - alguns atributos. **Análise social**, [s.l.], v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. p. 140  
PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural. *In*: FAVERO, O.; SPÓSITO, M. P.; CARRANO, P.; NOVAES, R. R. (Org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: Unesco, MEC, Anped, 2007. p. 13-28.  
REVISTA VEJA, São Paulo, p. 64-65, abr. 1986.  
REVISTA VEJA, São Paulo, p. 88, ago. 1989.  
REVISTA VEJA, São Paulo, p. 66-67, 1987.  
ROSSATO, L. Juventude e publicidade nas páginas das revistas semanais *Veja* e *IstoÉ* (década de 1980). **Revista Crítica Histórica**, [s.l.], v. 10, n. 20, p. 156-175, 2019.  
SANTOS, L. V. dos. **Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.  
SAVAGE, J. **A criação da juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.  
SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. **Brasil, uma biografia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.  
SOSENSKI, S.; ALBARRÁN, E. J. (Org.). **Nuevas miradas a la historia de la infancia en América Latina**. Entre prácticas y representaciones. México: UNAM-Instituto de Investigaciones Históricas, 2012.